

20 DE SETEMBRO



Imagem: Fundação de Pesquisa da História da Igreja Coreana / ucaneews.com

**SANTO ANDRÉ
KIM TAEGON
SACERDOTE**

**PAULO CHONG
HASANG E
COMPANHEIROS
MÁRTIRES COREANOS
(SÉCULO XIX)**

Também a Igreja coreana, em seu nascimento, recebeu o Batismo de sangue com o testemunho, dizem os coreanos, de cerca de 10 mil mártires, dos quais 103 canonizados por João Paulo II em Seul, em 6 de maio de 1984, na ocorrência do bicentenário da evangelização da Coreia.

UMA IGREJA NASCIDA DOS LEIGOS

A fé cristã chegou a esse país nos albores do século XVIII, por iniciativa dos leigos do lugar. A cada ano uma delegação coreana visitava Pequim, na China, para um intercâmbio cultural com essa nação que era então muito estimada em todo o Extremo Oriente. Aí os coreanos entraram em contato com a fé cristã e levaram para sua pátria o livro do Padre Mateus Ricci, A verdadeira doutrina de Deus. Lee Byeok, um leigo, inspirando-se no livro do famoso missionário jesuíta, fundou uma primeira comunidade cristã muito viva.

Ele pediu a um amigo seu, Lee-sunghoon, membro da costumeira comissão em visita à China, para se fazer batizar e levar livros e escritos religiosos para aprofundar a nova fé. O amigo voltou com o nome de Pedro na primavera de 1784 e a comunidade cristã teve um novo impulso. Não conhecendo bem a natureza da Igreja, a comunidade se organizou com uma hierarquia própria e começou a celebrar não apenas o Sacramento do Batismo, mas também o da Crisma e o da Eucaristia.

Quando souberam do bispo de Pequim que para ter uma hierarquia válida era necessária a su-

cessão apostólica, suplicaram-lhe que lhes enviasse sacerdotes o mais rapidamente possível. O bispo os satisfaz enviando um padre, Chu-mun-mo, e em poucos anos a comunidade coreana cresceu para diversos milhares de fiéis.

Infelizmente, a perseguição, já posta em ação desde 1785, tornou-se cada vez mais cruel e em 1801 matou também o único sacerdote residente na Coreia. A comunidade, porém, não se entregou; ao contrário, continuou a crescer. Em 1802, o rei emanou um edito que se tornou lei do Estado, no qual se ordenava, sem mais, o extermínio dos cristãos: “Não encontrando meio algum para fazer que os cristãos mudem de ideia é preciso absolutamente fazê-los morrer para destruir o germe da sua loucura”.

Tendo ficado sem sacerdote, os cristãos enviaram apelos contínuos e aflitos ao bispo de Pequim e, por seu intermédio, ao Papa, mas somente em 1837 um bispo e dois sacerdotes das Missões Estrangeiras de Paris conseguiram penetrar às escondidas no país para serem martirizados dois anos depois.

Uma segunda tentativa, com êxito mais feliz, foi feita em 1845, por obra de André Kim, que conseguiu fazer entrar no país um bispo e um sacerdote. A partir desse momento, a Santa Sé não deixaria faltar à comunidade cristã a presença de um vigário apostólico.

Em 1866, teve-se a perseguição mais encarniçada, mas finalmente em 1882 foi proclamada pelo governo a liberdade religiosa.

OS PRINCIPAIS MÁRTIRES COREANOS

Os mártires coreanos canonicizados até agora pela Igreja são 103; destes, apenas dez são estrangeiros, três bispos e sete sacerdotes. Não podendo falar de todos, damos informações de alguns deles.

André Kim Taegon nasceu em 1821, de uma nobre família cristã. Para escapar da perseguição, o pai deixou sua aldeia e transferiu-se para uma localidade escondida entre os montes com a mulher, os filhos, a mãe e os irmãos, todos cristãos. Ali se dedicou à agricultura. Sua casa tornou-se uma verdadeira “Igreja doméstica”, para onde convergiam em grande número não só os cristãos, mas também aqueles que desejavam ser instruídos por ele na nova fé, para depois receber o Batismo. Tinha apenas 44 anos quando foi descoberto pelas autoridades governamentais, que lhe impuseram em vão renegar a fé. Ele preferiu o martírio. Esse era o ambiente em que André havia crescido.

No entanto, em 1836, chegavam da França os primeiros missionários e André, crescido na escola do heroísmo em família, entrou em contato com

Padre Maubant, que o mandou a Macau, na esperança de prepará-lo para o sacerdócio. Tinha 15 anos. Voltou à pátria em 1844 como diácono, para preparar secretamente a entrada do novo vigário apostólico, Monsenhor Ferréol. Ele armou uma embarcação, com marinheiros todos cristãos, e dirigiu-se ao porto de Xangai para receber o bispo. Lá foi ordenado sacerdote e com uma viagem muito arriscada conseguiu com muita astúcia introduzir o bispo na Coreia, onde trabalharam juntos, sempre em clima de perseguição, recolhendo muitos frutos.

Ele era particularmente estimado pelos cristãos não só porque era coreano e compreendia muito bem a mentalidade do lugar, mas também porque era nobre no trato, exemplar na prática do Evangelho e ótimo pregador. Com efeito, sabia transmitir a fé com uma linguagem simples e profunda.

Na primavera de 1846, o bispo encarregou-o de fazer chegar cartas à Europa por intermédio do bispo de Pequim. Foi nessa missão que foi descoberto casualmente, enquanto se encontrava com as barcas chinesas nos rios da província de Hwanghai-do, e foi encarcerado.●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO,
de Enrico Pepe, publicado
pela Editora Ave-Maria.